

Cultura, Cidadania e Políticas Públicas 3

Alvaro Daniel Costa
(Organizador)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Alvaro Daniel Costa
(Organizador)

Cultura, Cidadania
e Políticas Públicas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, cidadania e políticas públicas 3 [recurso eletrônico] /
Organizador Alvaro Daniel Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Cultura, cidadania e políticas públicas – v.3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-079-7

DOI 10.22533/at.ed.797192501

1. Educação – Brasil. 2. Cidadania. 3. Políticas públicas –
Educação. 4. Prática de ensino. 5. Professores – Formação. I. Costa,
Alvaro Daniel.

CDD 323.6

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“Cultura , Cidadania e Políticas Públicas”* possui uma série de 84 artigos que abordam os mais variados temas nas áreas relacionadas a área de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Educação.

O volume I é intitulado *“cultura, políticas públicas e sociais”* e mostra a diversidade de análises científicas em assuntos que vão desde uma análise sociocultural perpassando pelas questões socioeconômicas da sociedade brasileira e latino-americana.

Já o volume II intitulado *“educação, inclusão e cidadania- práticas pedagógicas na cultura educacional”* é inteiro dedicado a área educacional, com textos de pesquisadores que falam sobre uma educação inclusiva em assuntos como autismo, formação profissional nas mais diversas áreas dentro do espectro educativo, além de uma análise sobre os impactos da reforma do ensino médio e sobre lo direito fundamental à educação.

No terceiro volume o assunto é no que tange as *“práticas educacionais, mídia e relação com as políticas públicas e cidadania”* sendo esse volume uma continuidade dos artigos da parte II com artigos que falam sobre práticas pedagógicas, além de textos que trazem sobre assuntos da área comunicacional.

A quarta e última parte é intitulada *“cultura, literatura, educação e políticas públicas- questões multidisciplinares”* e possui uma versatilidade temática que vai da área literária e novamente sobre algumas práticas pedagógicas.

A grande diversidade de artigos deste livro demonstra a importância da análise de temas que dialogam com as práticas de políticas públicas, sejam através da área educacional, comunicação ou aquelas que analisam a sociedade a partir de um viés histórico, cultural ou até mesmo econômico.

Boa leitura!

SUMÁRIO

ÁREA TEMÁTICA PRÁTICAS EDUCACIONAIS, MÍDIA E SUA RELAÇÃO COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS E CIDADANIA

CAPÍTULO 1	1
MARCOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: O DELINEAMENTO DESTA TRAJETÓRIA	
Mariane Brito da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.7971925011	
CAPÍTULO 2	15
ENTRE 1988 E 2018: TESSITURAS ANALÍTICAS POLÍTICO-CONSTITUCIONAIS EDUCATIVAS	
Diego Dias Salgado	
DOI 10.22533/at.ed.7971925012	
CAPÍTULO 3	25
DARWINISMO PEDAGÓGICO	
Vicente de Paulo Morais Junior	
DOI 10.22533/at.ed.7971925013	
CAPÍTULO 4	33
O USO DOS JOGOS INTERDISCIPLINARES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO LÓGICO DE ALUNOS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
João Augusto Galvão Rosa Costa	
Olga Teixeira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7971925014	
CAPÍTULO 5	46
INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO DE PESQUISA: MAPA CONCEITUAL, ENDNOTE E ATLAS.TI FORMAS E USOS	
Adriane Matos de Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.7971925015	
CAPÍTULO 6	55
ENSINO DA SOCIOLOGIA E JOGOS DIDÁTICOS: SEU EMPREGO COMO ESTRATÉGIA DE MEDIAÇÃO	
Elisabete Cristina Cruvello da Silveira	
Natalia Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7971925016	
CAPÍTULO 7	65
PERSPECTIVAS PARA A VIDA ADULTA DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA NO COTIDIANO DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA	
Annie Gomes Redig	
Cristina Angélica Aquino de Carvalho Mascaro	
Vanessa Cabral da Silva Pinheiro	
Vanêssa Lima do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.7971925017	

CAPÍTULO 8	76
ESCOLA: RELATOS DE JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Amanda Carlou	
DOI 10.22533/at.ed.7971925018	
CAPÍTULO 9	81
ENTRE O FORMAL E O NÃO-FORMAL – ESPAÇOS ONDE A EDUCAÇÃO POPULAR PODE (E DEVE) ATUAR. E, PARA COMEÇAR, PORQUE NÃO JÁ NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?	
Noelia Rodrigues Pereira Rego	
DOI 10.22533/at.ed.7971925019	
CAPÍTULO 10	93
A LINGUAGEM COM AS CRIANÇAS NA ALFABETIZAÇÃO: ENTRE O PROPOSTO E O REAL	
Geisi dos Santos Nicolau	
DOI 10.22533/at.ed.79719250110	
CAPÍTULO 11	104
O ENSINO DO IDIOMA PORTUGUÊS PARA MILITARES ESTRANGEIROS COMO SEGUNDA LÍNGUA ATRAVÉS DE ELEMENTOS LINGUÍSTICOS CULTURAIS	
Janiara de Lima Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.79719250111	
CAPÍTULO 12	119
A CONTRIBUIÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA PARA A MELHOR COMPREENSÃO DO ESPAÇO ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFF	
Giulia Gonçalves Arigoni Nicacio	
Jéssica Cardoso Martins	
Juliana de Oliveira Borges	
DOI 10.22533/at.ed.79719250112	
CAPÍTULO 13	129
REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE E A MEDIAÇÃO ESCOLAR NO PROCESSO INCLUSIVO	
Elisângela Matos Oliveira de Souza	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Nadir Francisca Sant'Anna	
Bianka Pires André	
DOI 10.22533/at.ed.79719250113	
CAPÍTULO 14	142
TEATRO COMO PRÁTICA PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA	
Vinícius Borovoy Sant'ana	
DOI 10.22533/at.ed.79719250114	
CAPÍTULO 15	151
FERRAMENTAS DO GEOPROCESSAMENTO NO ENSINO INTERDISCIPLINAR DA GEOGRAFIA E MATEMÁTICA	
Rosane Vieira da Silva	
Elisandra Hernandez da Fonseca	
Angélica Cirolini	
Alexandre Felipe Bruch	
Suyane Gonçalves Campos	

Fernanda Luz de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.79719250115

CAPÍTULO 16 158

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: LIMITES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A PRÁTICA DOCENTE

Carine Silvestrine Sena Lima da Silva

Flavia Melo de Castro

DOI 10.22533/at.ed.79719250116

CAPÍTULO 17 163

POLÍTICAS DE CULTURA E DE COMUNICAÇÃO PARA O AUDIOVISUAL: UM “ESTADO DA ARTE” SOBRE A SECRETARIA DO AUDIOVISUAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA

Marize Torres Magalhães

DOI 10.22533/at.ed.79719250117

CAPÍTULO 18 175

O AUDIOVISUAL E A PRODUÇÃO INDEPENDENTE PARA TELEVISÃO NO BRASIL

Natacha Stefanini Canesso

Fábio Almeida Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.79719250118

CAPÍTULO 19 185

LÓGICAS DA MÍDIA / LÓGICAS DOS PROCESSOS SOCIAIS: O RECONHECIMENTO DO TELEJORNALISMO PELOS PENTECOSTAIS

Catiane Rocha Passos de Souza

DOI 10.22533/at.ed.79719250119

CAPÍTULO 20 197

O CINEMA BRASILEIRO EM SEU PRÓPRIO MERCADO

Filipe Brito Gama

DOI 10.22533/at.ed.79719250120

CAPÍTULO 21 209

DA FÉ MEDIADA AO FIEL MEDIATIZADO: UBIQUIDADE COMUNICACIONAL NAS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE

Ivan Satuf

Cícero Rodrigo Alves Dias

José Everson Ferreira Silva

DOI 10.22533/at.ed.79719250121

SOBRE O ORGANIZADOR..... 222

ENSINO DA SOCIOLOGIA E JOGOS DIDÁTICOS: SEU EMPREGO COMO ESTRATÉGIA DE MEDIAÇÃO

Elisabete Cristina Cruvello da Silveira

UFF, (GSO) Departamento de Sociologia
Niterói – RJ

Natalia Silva Pereira

UFF, (SSE) Departamento de Sociedade e
Conhecimento
Niterói – RJ

RESUMO: O emprego dos jogos didáticos como estratégia de mediação ou transposição didática no ensino da sociologia na educação básica constitui um desafio no campo das Ciências Sociais e da Educação em virtude de dois argumentos centrais: possibilita superar o modelo de ensino expositivo e tradicionalista, além de permitir a exemplificação, aplicação e avaliação dos conteúdos ensinados de modo lúdico, crítico e criativo. Em torno desses argumentos, as questões norteadoras são: Por que os jogos didáticos se configuram como uma estratégia para a mediação didática dos conteúdos de Sociologia? Como essa estratégia se concretiza no cotidiano escolar para o desenvolvimento da imaginação sociológica? O artigo procura relatar experiências de jogos

didáticos vivenciados em escolas do ensino médio da rede pública relativas aos conteúdos das Ciências Sociais, que possuem, por vezes, uma essência abstrata para os discentes da escola básica. Ademais, busca discutir o conceito de mediação ou transposição didática como prática epistemológica à luz das contribuições de Verhaeghe, Wolfs, Simon e Compère, bem como demonstrar que o suposto sustentado por Schwartz: “brinco, logo aprendo”. Neste sentido, os objetivos propostos visam explicitar as questões centrais delimitadas.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos didáticos, Ensino da Sociologia, Imaginação Sociológica, Mediação didática.

INTRODUÇÃO

O ano de 2018 é emblemático, pois marcaria dez anos da Sociologia como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio, processo interrompido pela Lei 13.415/17¹, que institui a Reforma do Ensino Médio, alterando a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996. A história da Sociologia no ensino médio é intermitente, percebendo sua exclusão ou obrigatoriedade,

1 Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral

dependendo do contexto socioeconômico e político vigente. A intermitência, portanto, é uma característica marcante de sua trajetória. Sua trajetória torna as questões que envolvem o ensino de Sociologia mais complexo que o das demais matérias, não apenas no que diz respeito às questões de ordem estrutural, como a falta de corpo docente qualificado, mas também a questões de ordem pedagógica e sociocultural.

Nesse contexto de incertezas sobre o futuro da Sociologia na educação básica, vale a pena explicitar experiências relevantes desenvolvidas nos últimos anos no ensino médio, quando a disciplina Sociologia foi obrigatória. Inúmeros foram os avanços no debate acerca dessa disciplina na educação básica, como estudos sobre sua história, seu currículo, sua didática, e, nesse processo crítico e de crise na sociedade brasileira, que o artigo volta-se para narrar e compartilhar vivências relativas ao uso de jogos didáticos nas aulas de Sociologia em escolas da rede pública.

Cabe frisar que vários jogos didáticos surgiram essas experiências ocorreram no subprojeto de Ciências Sociais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal Fluminense de 2014-2018. Parte fundamental dessas experiências se deve ao que possibilitou a partir da troca entre bolsista, supervisor e coordenador, o início do trabalho com os jogos didáticos, a reflexão sobre eles, e o aprofundamento sobre aspectos didáticos, e o aperfeiçoamento dessas experiências a partir desses novos estudos e leituras realizadas.

As questões centrais do artigo são: Por que os jogos didáticos configuram-se como uma estratégia para a mediação didática dos conteúdos de Sociologia? Como essa estratégia se concretiza no cotidiano escolar para o desenvolvimento da imaginação sociológica?

A fim de argumentar e sustentar as reflexões em torno dessas perguntas, o artigo estrutura-se em dois tópicos: O primeiro discute as especificidades e complexidades da mediação didática no ensino de Sociologia, no sentido de salientar a relevância de formação de centros de interesse e da captação de chaves de leitura no processo de ensino-aprendizagem, apresentados por Verhaeghe, Wolfs, Simon e Compère. Além disso, procura-se mostrar as articulações entre o conceito de imaginação sociológica, objetivo imprescindível do ensino da Sociologia na educação básica e o processo de mediação didática proposto pelos analistas em tela. O segundo detalha narrativas sobre diversas vivências realizadas no campo escolar com os jogos didáticos como prática epistemológica crítica.

METODOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE AS ARTICULAÇÕES ENTRE MEDIAÇÃO DIDÁTICA E IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

O ensino de Sociologia, desde que se tornou obrigatório nos três anos do ensino médio, a partir da Lei 11.684/2008 vem conquistando seu espaço, e ganhando legitimidade. No que se refere às políticas curriculares, alguns avanços foram muito importantes nesse processo de consolidação da sociologia na escola. A inserção

da disciplina, desde 2012, no Programa Nacional do Livro Didático; o aumento das publicações acerca do ensino de sociologia e suas experiências didáticas; a inserção no Exame Nacional do Ensino Médio, e até a Base Nacional Comum Curricular, além disso, a comunidade escolar, especialmente os alunos a partir da vivência com as disciplinas e sua temática vêm dando o reconhecimento a disciplina.

Pensando a didática na educação básica, Libâneo se preocupa com a maneira pela qual o professor faz a mediação entre os conteúdos que precisam ser ensinados e os alunos que precisam aprender. Portanto, trata-se de uma definição que considera concomitantemente o ato de ensinar, o ato de aprender e os atores envolvidos no processo. Libâneo (2006) considera que “o processo didático está centrado na relação fundamental entre o ensino e a aprendizagem orientados para a confrontação ativa do aluno com a matéria sob a mediação do professor” (LIBÂNEO, 2006, p.56).

Libâneo (2006) enfatiza a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem. Sua proposição é a de que a passividade do aluno não o faz refletir acerca daquilo que lhe é apresentado como conteúdo e essa falta de reflexão implica negativamente a aprendizagem. Orientados pelo professor, os alunos precisam dispor dos meios para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais de modo que “dominem métodos de estudo e de trabalho intelectual visando sua autonomia no processo de aprendizagem e independência de pensamento”

O professor precisa encontrar os recursos necessários para estimular a disposição dos alunos para o estudo e para aquisição dos conhecimentos. O autor é consciente de que essa tarefa de ensinar didaticamente não é fácil e nem se realiza de forma automática: Não é uma atividade que se desenvolve automaticamente, restrita ao que se passa no interior da escola, uma vez que expressa finalidades e exigências da prática social, ao mesmo tempo em que se subordina a condições concretas postas pela mesma prática social que favorecem ou dificultam atingir objetivos. Entender, pois, o processo didático como totalidade abrangente implica vincular conteúdos, ensino e aprendizagem a objetivos sociopolíticos e pedagógicos e analisar o conjunto de condições concretas que rodeiam cada situação didática (LIBÂNEO, 2006, p.56)

É possível dizer que o professor trabalha de forma didática possuindo o domínio dos conteúdos da matéria que leciona, procurando relacioná-los com os objetivos pedagógicos e sócio-políticos e, por conseguinte, relaciona-os com as metodologias e técnicas mais adequadas para sua apresentação de modo que os alunos consigam aprender. Evidentemente, cabe ao professor ter um olhar crítico sobre quais são os interesses que estão por trás dos objetivos que são propostos no seu programa de ensino e quais as consequências de sua execução.

Esta essência de ensinar que envolve a construção de saberes ou mediação didática é compreendida por Verhaeghe, Simon, Wolfs e Compère como “praticar a Epistemologia.”² Segundo esses analistas, “muito antes da escola, a teoria científica foi transformada, sofreu uma primeira transposição didática.” (2010, p.83). Estabelecendo um paralelo entre os cientistas e os professores no que diz respeito ao processo de

transposição didática, explicam que a complexidade do papel docente é criar centros de interesse e chaves de leitura,

A diversidade de centros de interesse em uma turma de Ensino Médio de Sociologia com mais de quarenta alunos, bem como distintas chaves de leitura que os alunos possuem, tornam a essência de ensinar uma tarefa árdua para os docentes experientes e os novatos. Neste sentido, cabe da. Segundo Verhaeghe, Wolfs, Simon e Compère “todo ensino provém de uma concepção epistemológica, mesmo que implícita, e os professores não podem escapar, pelo menos em parte, à influência direta ou indireta dos instrumentos que eles utilizam”. (2010, p. 83)

O sentido equivocado do processo de transposição didática diz respeito à simplificação dos conceitos científicos em saberes escolares descontextualizados, como advertem Verhaeghe, Wolfs, Simon e Compère: “Os programas escolares, os modos de planejamento dos cursos contribuiriam assim para ‘desnaturar’ de algum modo os saberes científicos e deles oferecer uma visão enviesada aos alunos.” (2010, p. 86) Nesse sentido, Verhaeghe, Wolfs, Simon e Compère analisam a questão: “Quais são os problemas ligados à transposição didática dos saberes ditos *especializados* para saberes escolares?” (2010, 86) Apresentam cinco problemas durante o processo de mediação didática que enfraquecem a prática epistemológica, bem como o desenvolvimento da imaginação sociológica:

a) Durante a seleção dos saberes ensinados pode ocorrer a *dessincretização*, ou seja: “um saber que possui um sentido quando está imbricado em uma rede conceitual perde parte desse quando é isolado dessa rede”. (Verhaege, Wolfs, Simon e Compère, 2010, p.86)

b) Outro problema diz respeito à *despersonalização* ou *des-historização*: “os saberes são descontextualizados, retirados de seu quadro sociocultural.” (Idem, ibidem)

c) O terceiro problema se refere à *programabilidade dos saberes a ser ensinados*: “os saberes às vezes tendem, no meio escolar, a ser apresentados em uma relação estritamente linear, enquanto na origem eles mais frequentemente estão imbricados em uma rede complexa.” (Idem, p. 87)

d) O *modo de difusão dos saberes* consiste o quarto problema apontado pelos analistas: “especialmente pelos manuais escolares e pelos programas... que podem contribuir em certos casos para produzir uma visão estereotipada, ajudando a criar representações coletivas que poderão direta ou indiretamente influenciar os alunos em seus comportamentos, seus valores.” (Idem, p.87)

e) O quinto é o das *práticas sociais de referência*, uma vez que “as escolhas de saberes e de transposição didática são efetuadas em função dos referenciais sociais.”

2 Epistemologia diz respeito ao processo de produção e de transmissão do conhecimento dito científico, elaborado nas universidades e centros de pesquisa. Portanto, busca romper e superar as noções cotidianas e de senso comum. Assim também, procura demonstrar os caminhos metodológicos da descoberta e os argumentos discursivos para validação da pesquisa realizada.

(Idem, p. 87)

É consensual na perspectiva crítica do ensino da Sociologia que seus conteúdos, quando ensinados de modo a considerar os cinco problemas sublinhados por Verhaeghe, Wolfs, Simon e Compère, permitem a problematização, a desnaturalização dos fatos cotidianos, bem como seu estranhamento, ou seja, o desenvolvimento da imaginação sociológica proposta por Wright Mills na década de 1960, em seu livro “A imaginação sociológica”. Ademais, a imaginação sociológica configura-se como um dos objetivos centrais da disciplina Sociologia na escola básica.

Metodologicamente, este artigo resgata outras produções desenvolvidas no âmbito do PIBID para congressos e seminários que os bolsistas de iniciação à docência – Wallace Moura e Gabriela Moura participaram com supervisora Natalia Pereira sob minha coordenação. Uma delas diz respeito ao artigo publicado na Revista Artes de Educar em 2016.³ Assim também, cabe destacar as monografias de Gabriela Moura e Wallace Moura vinculadas às experiências dos jogos didáticos no Liceu Nilo Peçanha no PIBID.

As vivências empíricas narradas no próximo tópico sobre os jogos didáticos e o processo de mediação didática foram desenvolvidas pela professora Natalia Pereira, no Liceu Nilo Peçanha e no Colégio Estadual Comendador Valentim dos Santos Diniz – NATA – durante os anos de 2015 a 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: AS EXPERIÊNCIAS DOS JOGOS DIDÁTICOS E O ENSINO DA SOCIOLOGIA

O uso dos jogos didáticos nas aulas de sociologia se iniciou em 2015, a partir da iniciativa dos bolsistas do PIBID Paulo Moura e Gabriela Moura, após a I Mostra de Cultura Negra, um importante evento, que teve naquele ano sua primeira edição. O evento ocorre no mês de novembro e está inserido nos avanços da luta por uma educação antirracista fortalecidos pela importante lei 10.639/03⁴, proporcionando aos nossos alunos os conhecimentos sobre história e cultura afro-brasileira ainda tão marginais nos currículos escolares. A Mostra é organizada por alguns professores do Liceu, uma tradicional escola da rede estadual de ensino localizada no centro do município de Niterói. O primeiro jogo elaborado pelos bolsistas do PIBID consistiu em uma série de perguntas sobre assuntos e temas que a turma havia estudado, apresentado e assistido trabalhos ao longo da Mostra, em especial “Um outro olhar sobre a África, lideranças negras da história do Brasil e religiões afro-brasileiras. O

3 A saber: Sociologia no Ensino Médio e o PIBID: Brincando, pensando e construindo práticas educativas com autonomia. Cruvello, Elisabete; Pereira, Natalia e Moura, Wallace. Revista Interinstitucional Artes de Educar, Rio de Janeiro, V.2, N.3 – pág 184-200 (out-jan 2016): “Formação inicial e continuada de professores: espaços, tempos e invenções curriculares.”

4 Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências.

interesse e participação dos alunos foi surpreendente em uma atividade que sequer era avaliativa. Todos tentavam responder, as perguntas de respostas desconhecidas geravam debates e muita curiosidade. A atividade ocorreu na última aula no ano, e aquela grata surpresa com o envolvimento dos alunos impulsionou, em conjunto com os bolsistas do PIBID e muito incentivo e participação da coordenadora Elisabete Cruvello, o desenvolvimento de uma série de outros jogos didáticos, mais elaborados, a partir dos objetivos de um ensino reflexivo e com produção de autonomia.

Desde então desenvolvemos alguns jogos, que já conseguimos apresentar em alguns espaços, como os Encontros Anuais do PIBID na UFF, A Mostra Acadêmica e Científica de Niterói, além da publicação do artigo “Sociologia no Ensino Médio e o PIBID: Brincando, Pensando e Construindo Práticas Educativas com Autonomia”.

Nesse artigo debateremos sobre nossas últimas experiências com o uso de jogos didáticos desenvolvidos, dessa vez, pelos próprios alunos e alunas. Os jogos em sua totalidade foram desenvolvidos em grupos e estimulando o debate e a reflexão coletiva e sempre usando o erro como ponto de debate e aprendizado.

Essa experiência ocorreu em outra escola da rede estadual do Rio de Janeiro onde leciono Sociologia desde 2011, o Colégio Estadual Comendador Valentim dos Santos Diniz, O NATA (Núcleo Avançado em Tecnologia de Alimentos), uma escola técnica, de formação de técnicos e leite e derivados e panificação e confeitaria.

A atividade foi desenvolvida com turmas de terceiro ano do ensino médio, no terceiro bimestre do ano letivo e foi utilizada como uma das avaliações bimestrais. Os assuntos que vínhamos trabalhando eram temas relacionados à Ciência Política, tais como, Teorias e teóricos iluministas e contratualistas; a organização política brasileira; e o sistema eleitoral brasileiro, temas tão relevantes para a prática cidadã, mas tão pouco conhecidos e debatidos em toda a sociedade. Os jogos deveriam estar relacionados aos temas do bimestre. As três turmas envolvidas desenvolveram jogos completamente distintos, muito criativos, divertidos e simples, que gerou profundo interesse e empenho. Abaixo um breve relato acerca de cada um dos jogos.

QUEM SOU EU, NA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA?

O “Quem sou eu da Organização Política Brasileira?”, baseou-se em uma brincadeira corriqueira entre adolescentes chamada “Quem Sou Eu?”, uma roda é formada e cada participante escreve algum nome de uma pessoa conhecida (personalidade, artista) para o amigo ao lado sem que o mesmo veja; depois de escreverem, cada um passa o papel ao jogador do lado, sem que ninguém veja o que está escrito. Em seguida, todos fixam o papel na testa, sem olhar (pode ser com fita adesiva ou um post it). Para descobrir o nome que está em sua testa, cada jogador fará perguntas ao grupo e as respectivas respostas só podem ser SIM OU NÃO. Sentam-se em círculo e perguntam de um por um. O objetivo é descobrir o nome em sua testa. Na adaptação feita pela turma, os personagens do jogo que foram levadas

pelo grupo elaborador eram pessoas que ocupavam ou ocupam cargos públicos do executivo, legislativo e judiciário brasileiro, municipal estadual e federal. As perguntas tinham que ser referentes ao cargo que ocupavam, a esfera, tempo de mandato, se foi eleito, indicado ou concursado, se estava no exercício do mandato ou não. E assim, com muita alegria, curiosidade e reflexão as rodadas foram passando, a turma se envolvendo, todos tentando se ajudar e exercitando aquilo que tinha sido estudado e debatido ao longo das aulas de Sociologia. Dentre os personagens escolhidos estavam Lula, Jair Bolsonaro, Fernando Collor, Marcelo Freixo, Marcelo Moro, Gilmar Mendes, Carmem Lúcia, Eduardo do Gordo e Luiz Nanci.

JOGO ANTIALIENAÇÃO

O jogo antialienação, foi baseado num jogo de perguntas, respostas e prendas, realizado em um programa que durante muitos anos passou na emissora SBT chamado “PASSA ou REPASSA”. No jogo adaptado pelos alunos e alunas, formaram-se duas equipes que deveriam responder perguntas sobre o Sistema Eleitoral Brasileiro. Um grupo de alunos e alunas formulou as perguntas, as prendas e o prêmio que era um kit de doces, que chamaram de prêmio antialienação. Os alunos e alunas foram divididos em duas equipes.

A cada rodada um grupo recebe uma pergunta, tem um tempo para debater e resolver se responde ou se passa para a outra equipe responder. Se a equipe que começar jogando não souber responder, pode “passar” a pergunta para a equipe adversária. Se esta também não souber pode “repassar” a pergunta, o time que acerta ganha o ponto e a outra equipe sorteia uma prenda. Dentre as prendas havia recitar um poema, dançar, pintar, e também receber uma “torta” de glacê no rosto. As perguntas foram muito bem formuladas, os debates foram intensos nos grupos, que demonstraram que haviam estudado bastante, os alunos se divertiram e os erros nas respostas geraram debates e novos aprendizados.

Exemplos de perguntas:

- Função do Executivo Municipal
- Tempo de mandato de um senador
- Coeficiente eleitoral em uma cidade de 10.000 eleitores, que conta 10 vereadores, em que todos votaram, porém com 40 votos em branco e 50 votos nulos.
- Possibilidades de reeleição dos distintos cargos
- Quais eram os cargos majoritários e quais os cargos proporcionais

JOGO DE TABULEIRO: OS CONTRATUALISTAS

Os alunos e alunas elaboraram um jogo de tabuleiro feito com muita criatividade

a partir de uma caixa de sapato, com perguntas e respostas e também sobre as teorias de Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau. O objetivo era chegar ao final do tabuleiro a partir do acerto das questões que permitiam andar casas. As perguntas se dividiam entre fáceis (que ao acertar o grupo andava uma casa), média (o grupo andava duas casas) e difíceis (o grupo andava três casas). O grupo escolhia o grau de dificuldade da pergunta que gostaria de responder, algumas cartas não continham perguntas, mas com curiosidades sobre a vida e obra dos autores podendo vir acompanhada de avance ou retorne algumas casas. Os grupos debatiam qual carta pegar, debatiam sobre a pergunta até respondê-las. Mais uma vez o erro se mostrou elemento de novos aprendizados, pois quando não sabiam ficaram inquietos e curiosos.

Exemplos de cartas:

Fáceis:

Eu defendia a tese que o homem era o lobo do homem

Eu escrevi uma obra chamada Emílio e Contrato Social

Sou um dos líderes do empirismo

Sou ideólogo do Liberalismo

Médio:

Quais eram características dos seres humanos na visão de Hobbes

Qual foi o motivo da prisão de Rousseau

Propus um arranjo onde o poder do soberano se estendia até o exército e outros poderes

Qual é o direito Natural do ser humano para Locke

Difícil:

Com 10 anos não tinha mais meus pais

Qual motivo da prosa de Rousseau

Além de filosofia o que mais Locke estudou

Por que os indivíduos aceitavam a submissão e cediam o poder ao soberano

Curiosidades

Parece que com ajuda de Locke, o absolutismo na Inglaterra foi derrubado – avance 2 casas

Está tendo uma perseguição a Rousseau na França – volte 3 casas

As ideias de Rousseau se propagaram no Iluminismo. Liberdade avance 2 casas

As ideias dos 3 autores são debatidas e influentes até hoje – avance 1 casa

CONCLUSÃO: NOSSAS PERCEPÇÕES SOBRE O USO DE JOGOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Do nosso ponto de vista, o jogo como um dispositivo para pensar a Sociologia no

Ensino Médio, fomenta o processo de ensino e aprendizagem, além de:

- ✓ Ampliar a capacidade de abstração e outras operações lógicas, como elaboração e análise, superando uma aprendizagem voltada para uma simples memorização ou *decoreba*;
- ✓ Possibilitar a prática de regras sociais de convivência como colaboração mútua, respeito e ética;
- ✓ Gerar prazer em confronto ao acirramento da competição perversa entre os discentes.

O jogo como potência de uma ferramenta crítica, como fomentador de problematização dos conceitos-chave, bem como elaborador de saberes escolares potencializadores da autonomia e do pensamento crítico no processo de ensino-aprendizagem. Assim também, o jogo não é neutro e nem uma mera técnica detendo uma concepção epistemológica acerca do mundo social. Gilson Schwartz problematizando os vínculos entre educação, videogames e moralidades pós-modernas propõe: “Em substituição ao ‘Penso, logo existo’ surge no horizonte outra perspectiva - ‘Brinco, logo aprendo’, pois o pensar não se resume a uma forma unívoca, determinada do existir” (2014, p.22).

Para isso, é fundamental uma participação ativa dos estudantes. Essa forma de abordagem, que se distanciou da mera apreensão passiva, em sala possibilitou o despertar de ideias entre os estudantes. Na pedagogia de Paulo Freire, o elemento de passividade da concepção bancária que atravessa nosso imaginário educativo, limita e até rouba de crianças e jovens a oportunidade de assumirem que também possuem conhecimentos, criatividade e alegria em compartilhar estes saberes com o público. Ao trazer a experiência para o domínio deles, os estudantes já podem continuar e desenvolver uma independência compartilhada. Os saberes são legados construídos coletivamente, pois os grandes gênios da humanidade produziram a partir do conhecimento historicamente acumulado. A sociologia neste sentido observaria e desvendaria as facetas das relações de poder ocultas ou “naturalizadas” socialmente.

A Sociologia no ensino secundário pode desenvolver a curiosidade inquietante, uma imaginação sociológica. A desnaturalização e o estranhamento, a partir da vivência de professores e alunos. Constituir chaves de interesse e leitura com os alunos. Apreender a realidade social em seus aspectos contraditórios; apreender a questão do trabalho e como o ser humano transforma e é transformado pela natureza; apreender a questão dos valores e crenças subjetivas.

A constituição dos saberes escolares específicos a cada disciplina do currículo é resultado de um processo complexo que envolve consentimentos, conflitos, diferentes tipos de mediação entre diversos sujeitos e instituições, diante dos papéis que, em cada época e sociedade, são atribuídos à escola. As disciplinas das Ciências Humanas, em geral, têm um potencial pedagógico capaz de contribuir na formação de sujeitos na contemporaneidade, constituindo um lugar de poder no processo de

escolarização. A Sociologia busca, dentre outros objetivos, promover o estranhamento, desnaturalização, elevar a compreensão dos sujeitos acerca do tecido social de que fazem parte na atualidade e promover uma cidadania ativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Transposição didática**. Por onde começar? São Paulo: Cortez, 2007.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos. Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL, Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Seção 1 - 23/12/1996, p. 27833, Brasília-DF, 1996.

BRASIL. Orientações Curriculares Nacionais. Ministério da Educação: Brasília, 2006.

BRASIL, Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2017/Lei/L13415.htm#art2

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanista. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso Xavier de (Organizador). **Sociologia e Ensino em Debate**. Experiências e Discussão de Sociologia no Ensino Médio. Ijuí: Editora Ijuí, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HANDFAS, Anita; MAIÇARA, Julia Polessa; FRAGA, Alexandre (orgs.). **Conhecimento Escolar e Ensino de Sociologia**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (Organizador). **Ensino de Sociologia**. Desafios teóricos e pedagógicos para as Ciências Sociais. Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2013.

SCHWARTZ, Gilson. **Brinco, logo aprendo**. Educação, videogames e moralidades pós-modernas. São Paulo: Paulus, 2014.

VERHAEGHE, Jean-Claude et alli. **Praticar a Epistemologia**. Um manual de iniciação para professores e formadores. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-079-7

